

ELEMENTOS ESSENCIAIS DO PROJETO E DO RELATÓRIO CIENTÍFICOS NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Essential elements of the project and report on scientific research in education

Heloisa da Silva Borges¹
Helena Borges da Silva²

Resumo: Trata de uma abordagem teórica sobre os aspectos necessários para a sistematização de planejamento e relatório de pesquisas em educação. Deu-se importância a esses aspectos por serem imprescindíveis na legitimação do caminho norteador da condução do planejamento e da execução das aulas presenciais do tempo escola. Traz os passos que compõem o projeto e o relatório de pesquisa, fazendo uma apresentação desses passos com objetivo de contribuir na formação dos (as) professores (as) e educadores (as).

Palavras-chave: projetos de pesquisa; pesquisa em educação; relatórios científicos.

Abstract: This is a theoretical approach to the aspects necessary for the systematic planning and reporting of research in education. It was given importance to these aspects are essential for the legitimacy of the way guiding the conduct of planning and implementation of classroom time school. Bring the steps that make up the project and the research report, making a presentation of these steps in order to contribute to the formation of (the) teacher (s) and teachers (as).

Keywords: research projects. research in education. scientific reports.

¹ Pedagoga, Especialista em Educação de Jovens e Adultos, Mestre em Educação e Doutoranda em Educação no PPGE da FACED/UFAM. Bolsita da Capes. E-mail: helo-borges@hotmail.com

² Psicóloga e Pedagoga, Especialista em Psicopedagogia, Professora da SEMED, formadora do Curso de Especialização em Educação do Campo Projovem Campo Saberes da Terra – convênio UEA/FNDE/MEC-SECADI.

Introdução

Quando pensamos sobre pesquisa em Educação, remetemo-nos à ideia da metodologia do trabalho pedagógico, que envolve a pesquisa e se torna o caminho norteador da condução do planejamento e da execução das aulas presenciais do tempo escola. Devido a isto, neste artigo trazemos os passos que compõem o projeto e o relatório de pesquisa, fazendo uma apresentação desses passos com objetivo de contribuir na formação dos (as) professores (as) e educadores (as).

1.1 A educação como espaço de pesquisa

A educação é algo inerente ao ser humano, e sua sistematização deu-se aos longos dos anos, proporcionando avanços científicos para sociedade. Assim, podemos dizer que os conhecimentos científicos ocorreram e ocorrem devido à organização do mundo científico, por meio da realização das pesquisas.

Para Luckesi (1995. p 51), “O conhecimento é uma capacidade disponível a nós, seres humanos, para que processemos de forma mais adequada a nossa vida, com menos riscos e menos perigos [...]”. Ele pode transformar a realidade apontando novos caminhos, permitindo nossas ações com mais segurança, previsão e precisão.

Geralmente, nosso primeiro contato com os conhecimentos sistematizados ocorrem por meio da escola. Entretanto, o cotidiano escolar não é repleto somente de mecanismos que possibilitem termos acesso aos saberes escolares. Além deles, enfrentamos várias situações problema, das quais muitas vezes não sabemos explicar o porquê de tal problemática. Assim, podemos dizer que a escola pode tornar-se espaço de investigação para discutir o trabalho pedagógico e até mesmo fazermos abordagens mais profundas, através de pesquisas científicas, gerando estudos de várias temáticas.

Entretanto, não podemos considerar determinado produto como pesquisa, se aquele não possuir o rigor científico, e por não ajudar na formação de novos sujeitos sociais. No que insistimos é que se uma pesquisa em educação que não possui um rigor metodológico na sua abordagem, não proporciona o despertar da consciência crítica (ou senso crítico), pois, segundo Cotrim (1983. p 46), “[...] a reflexão sobre si e a atenção sobre o mundo [...]”, é o que o autor afirma sobre consciência, e caso “[...] apenas uma delas progrida há uma deformação, um abalo no desenvolvimento da consciência crítica”.

Consideramos esta citação pertinente porque quase sempre nos deparamos com resultados de pesquisas cheios de reflexões muitas vezes críticas, dotadas de intenções destrutivas e deixando o objeto sem uma reflexão que leve à mudança no campo da sociedade, da educação e, principalmente, no interior da escola. Precisamos falar do papel da pesquisa expressando as dificuldades e as necessidades de intervir na realidade, especialmente porque somos pesquisadores e temos a oportunidade com isso de auto-politização no enfrentamento dos problemas investigados.

Deste modo, perguntamos: Como a pós-graduação contribui para formação de pesquisadores em educação? Na realidade a pós-graduação é entendida como um espaço não associado da pesquisa na formação do (a) professor (a), por ser a pesquisa um princípio educativo e não apenas um momento para a observação da prática pedagógica desenvolvidas? Assume-se nessa caminhada uma prática pedagógica voltada para atividade reflexiva e investigativa, para superação da prática tradicional, uma vez que essa tem como base a formação centrada na técnica pura e simplesmente.

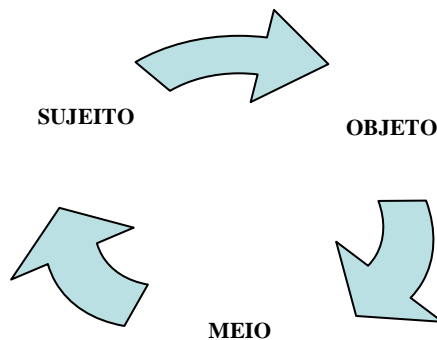
Hoje a pesquisa tem auxiliado na formação de professores (as), por meio de três atitudes fundamentais, enquanto profissional da educação que são: atitude reflexiva, crítica, investigativa e transformadora.

Pois,

Não é possível sair da condição de objeto (massa de manobra), sem formar consciência crítica desta situação e contestá-la com iniciativa própria, fazendo deste questionamento o caminho de mudança. Aí surge o sujeito, que o será tanto mais se, pela vida afora, andar sempre de olhos abertos, reconstruindo-se permanentemente pelo questionamento. Nesse horizonte, pesquisa e educação coincidem, ainda que, no todo, uma não possa reduzir-se à outra. Nenhum fenômeno histórico é mais característico do questionamento reconstrutivo do que o processo emancipatório, não apenas em seu ponto de partida, mas principalmente como marca permanente do processo (DEMO, 2003, p. 8).

Demo, na citação acima, deixa claro o papel da pesquisa na formação dos próprios sujeitos envolvidos no processo. Nesta direção, o envolvimento dos pós-graduandos com a discussão com a elaboração de projeto de pesquisa, plano de ação e de relatório de pesquisa significa sua iniciação como pesquisador (a) associado a sua própria realidade. Dessa forma, é imprescindível compreender, entender e intervir no processo formativo do coletivo e no seu próprio processo formativo, superando uma visão unilateral e comum da sociedade. Por isso é fundamental, também, considerar que o estudo está centralizado no cotidiano escolar e permite a saída da singularidade, podendo se colocar em condições de fazer análise, com a ajuda de referenciais teóricos, afastando-se do senso comum e aproximando-se cada vez mais ao conhecimento científico.

A pesquisa em educação é um campo de investigação que tem, segundo Ghedin e Franco (2008, p. 47), o movimento reflexivo do sujeito ao empírico gerando novos conhecimentos, ou seja, nova compreensão e interpretação. Assim, os autores afirmam que na educação, o método dialético, associa o sujeito-objeto ao seu meio ambiente, “[...] no processo de “auto-eco-organização”.



Fonte: Borges (2011)

A formação do professor-pesquisador nas escolas deve se desenvolver voltado para o compromisso com o coletivo, com autonomia social, tarefa fundamental para os que sonham com uma sociedade diferente e emancipada. Sendo a formação um verdadeiro desafio para universidade, despertando para pensar e proporcionar uma formação diferente do modelo tradicional, através da pesquisa.

1.2. O Caminho da Pesquisa

O ser humano, sujeito da sua própria história, é formado por suas relações sociais e, ao mesmo tempo, ele pode ser: passivo e ativo, ou seja, determinado e determinante. Quando passivo, significa dizer sem ação de intervir no seu meio social e aceitação a este meio sem qualquer questionamento. Sujeito ativo/determinante é aquele sujeito da história possuído de autonomia e de iniciativa. Não podemos esquecer que ambos têm as capacidades de atividades prática e ao mesmo tempo cognitiva, uma vez que, através destas duas capacidades, o ser humano se organiza e se insere no grupo social.

O ser humano age produzindo e transformando o seu ambiente e para tal fato ele pensa, planeja sua ação e depois executa. Posteriormente, é transmitida pela linguagem, ocorrendo a reprodução da ideologia, ou seja, as representações, significados e valores de um grupo social. A ação e o pensamento agindo de forma conjunto na organização humana, estabelecendo o que se deve ser, e que se deve fazer.

A universidade é um espaço que representa a produção do conhecimento enquanto ciência e não meramente a reprodução do conhecimento, para a formação de grandes oradores, ou mesmo enciclopedistas. Todavia, para se a seriedade da ciência, algumas normas e regras foram estabelecidas para garantir a cientificidade da ciência e não a sua vulgarização. Neste sentido, quando adentramos num curso de graduação e pós-graduação, passamos a conhecer os procedimentos

metodológicos que devem ser usados para que os trabalhos e principalmente o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) seja de fato realizado com sucesso.

Assim, o projeto de pesquisa é um guia da caminhada que se pretender chegar, caso contrário, podemos ficar perdidos e conseqüentemente não chegando a nenhum resultado, ou aos resultados equivocados, que representam a não credibilidade do trabalho.

Um projeto de pesquisa pode ser organizado de várias maneiras. Segundo Gonsalves (2001), não existe um padrão rigidamente estabelecido e imutável. Um pesquisador pode optar por apresentar o seu projeto de forma mais clássica: justificativa, problema, objetivos, metodologia, cronograma, bibliografia. Na realidade, as partes que contêm o projeto são definidas pela instituição que solicita ou que orienta. No entanto, todo projeto, qualquer que seja a sua apresentação formal, sempre terá de contemplar um núcleo básico. Isto significa que mesmo que a forma de apresentação seja diversa, segundo Santos (20001), todo projeto deve responder às seguintes perguntas:

- O que pesquisar? (definição do problema, hipóteses, questões norteadoras, base teórica e conceitual);
- Por que pesquisar? (justificativa da escolha do problema);
- Para que pesquisar? (propósitos do estudo, seus objetivos);
- Como pesquisar? (Metodologia);
- Quando pesquisar? (cronograma);
- Com que recursos? (orçamento);
- Onde investigar? (referências, fontes).

Com essas questões levantadas temos um roteiro básico para elaborar, respondendo cada uma das perguntas. Observe que diante deste núcleo básico o projeto detalhou o caminho que você estará desenvolvendo durante toda a pesquisa.

1.2.1 O tema

É o assunto escolhido sobre o qual versará o Trabalho, o porquê da escolha passa pelo aspecto pessoal, pela curiosidade, pela necessidade, o que leva a pessoa a escolher o tema são vários motivos. Pois segundo Andrade (1999, p. 67) “[...] tema deve corresponder ao gosto, às aptidões ou à vocação e aos interesses de quem vai abordá-lo. Elaborar um trabalho sobre um tema que não desperta o interesse, que não corresponde ao gosto do autor, pode transformar-se em tarefa demasiadamente pesada (p. 67).”

Conforme o que expressa a autora, a necessidade do envolvimento do pesquisador com seu tema, gerando o interesse que em psicologia é chamado de a motivação, mas é evidente que nem tudo é possível se não temos os pés no chão, para que a caminhada seja exitosa e não de tortura e tormentos.

Atualmente, são muitos os trabalhos produzidos pelos cursos de graduação e de pós-graduação (especialização, mestrado e doutorado) sobre várias temáticas. A escolha do objeto é o reflexo de um olhar que envolve uma visão de mundo e que abrange uma reflexão filosófica, que desemboca em um método que se conclui nos instrumentos que são aplicados na coleta de dados tendo como ponto final as análises da temática.

A escolha do Tema representa início de uma caminhada científica, seu sucesso dependerá de vários pontos como: 1) A disposição e o tempo disponível do pesquisador ou pesquisadora durante a pesquisa; 2) Busca de referências teóricas (compra de livros, consultas as bibliotecas, a internet, periódicos, revistas científicas etc.); e 3) A relevância do tema (quais os benefícios para a sociedade, à ciência e à escola).

Um tema tem importância social quando o desenvolvimento e as conclusões trazem diretamente contribuições, ou seja, contribui para responder a uma necessidade social concreta. O tema ideal “[...] é aquele que preenche as três características: atende ao gosto, aptidão e tempo do pesquisador; é relevante ou para uma sociedade, ou para uma ciência ou para a escola; e sobre ele é possível obterem-se dados [...]” (SANTOS, 2001, p. 50).

1.2.2. Delimitação do tema

O tema deve ser delimitado, muitas vezes em função tempo da conclusão da pesquisa, sobretudo para que o pesquisador não fique vagando, ou melhor, não fique perdido querendo descobrir respostas do nada, não indo à essência do assunto, não chegando de fato ao seu objetivo. Por isso, devemos na delimitação também fixar “[...] as circunstâncias, principalmente de tempo e de espaço, pela indicação do quadro histórico-geográfico em cujos limites se localiza o assunto” (ANDRADE, 1999. p 124). A autora chama atenção para a extensão ou tipo de enfoque: psicológico, sociológico, histórico, filosófico, estatístico etc., da pesquisa.

1.2.3. Problematização e formulação do problema

Quando o pesquisador define o tema e sua delimitação, ele parte para a formulação do problema, mas antes disto deve problematizar o tema. Para isso, deve formular alguns questionamentos, dúvidas que a pesquisa proponha a investigar e quem sabe resolvê-los. Porém, segundo Santos (2001. p 53), “[...] serão necessários dados, informações, com os quais se desenvolverão os raciocínios formadores do conhecimento. Isto é, a necessidade exige um tratamento teórico, científico, racional”.

Para Gonsalves (2001), não existe uma receita para construir uma situação problematizadora, de onde o pesquisador irá extrair a sua questão. Isso vai depender de cada pesquisador e seu olhar (sua visão de mundo) e dependerá do tipo de pesquisa que se quer realizar.

Andrade (1999. p 124) afirma que “Formular o problema não se limita a identificá-lo; é preciso defini-lo, circunscrever seus limites, isolar e compreender seus fatores

peculiares, ou seja, indicar as variáveis que sobre ele intervêm e as possíveis relações entre elas”.

Na realidade é a produção de um pequeno texto que deve constar uma análise sobre a temática, apresentando seus questionamentos (o quê? como?), fechando com uma questão norteadora que deve estar ligada ao tema do trabalho, que podemos chamar de problema.

1.2.4. Elaboração da hipótese ou questões norteadoras

Ao fazer a problematização e levantar o problema, o pesquisador vai ter algumas suspeitas, ou seja, afirmações que irão servir de base para a investigação que chamamos de hipóteses (dependendo da natureza do trabalho da pesquisa). O mesmo ocorre com as questões norteadoras, que são perguntas (questões) que durante a investigação serão respondidas ao longo do processo da investigação (SANTOS, 2001).

Definição de hipóteses ou questões norteadoras? Depende exclusivamente do tipo de pesquisa que se pretender abordar, no geral as hipóteses são mais usadas nas áreas das ciências biológicas e exatas. Mas ela pode ser utilizada na área das ciências humanas, entretanto, deixa mais à vontade a ideia de trabalharmos com as questões norteadoras deixando as questões mais abertas para possíveis respostas variáveis.

Ghedin (2006) considera importante durante o processo da elaboração do projeto três momentos presentes que devem estar em sintonia:

1. A dimensão filosófica (correntes: positivista, dialética, fenomenologia, etc.);
2. O método de abordagem de pesquisa em educação: quantitativas (estatístico, matemático) qualitativas (etnografia, pesquisa-ação, história de vida, documental);
3. A técnica: bibliográfica; documental; levantamento; estudo de caso; pesquisa-ação; pesquisa participante.

O autor chama atenção para não esquecer que as técnicas estão associadas aos instrumentos (questionários (aberto, fechado), entrevista, etc.).

1.2.5. Justificativa

A justificativa é o momento que o pesquisador explica o motivo que o levou a investigar sobre a temática. Deve-se levantar a relevância do assunto para a sociedade em geral, procurando especificar a relação dele com as questões sociais que envolvem a escola, ou melhor, o processo de ensino e aprendizagem dos educandos, educadores, etc.

Para Gonsalves (2001, p 58 -59), a justificativa é um:

[...] momento de organizar a justificativa, considerando as seguintes aspectos: por que escolhi esse tema? O tema que escolhi é importante? Que motivos o justificam, nos planos teórico e prático? Qual é a relação do tema e/ou do problema formulado com o contexto social? Que contribuição posso oferecer com esse estudo e, se for o caso, quais os aspectos inovadores do trabalho?

Também, nesse item, é possível fazer referência a dados estatísticos de instituições conceituadas, jornais, revistas, sites etc. Esses dados devem ajudar a explicar o porquê da investigação. Além disso, é possível expor sobre o local e o sujeito da pesquisa de forma bem ampla, sem citar nomes e descrevendo sobre o que tem observado.

Segundo Gonsalves (2001), não se deve apresentar citações de autores, é preciso também evitar afirmações nesse momento, juízo de valor sobre o assunto, para não parecer que já existe um julgamento sobre o assunto. É necessário demonstrar a relevância do assunto, sempre expor a ideia de estar propondo um processo de investigação e que não possui uma opinião formada sobre tudo, parafraseando Raul Seixas.

1.2.6. O (s) Objetivo (s)

O objetivo, ou objetivos, expressam a intenção do pesquisador, sua trajetória e o que pretende conseguir com o resultado da investigação. Sendo assim, os objetivos segundo Gonsalves (2001), oferecem indicações sobre o percurso metodológico, pois orientam os métodos e as técnicas de pesquisa.

Os objetivos devem ter condições de ser atingidos, ajudam na probabilidade de coerência entre as partes do projeto. Os objetivos são indicados pelo uso de verbos para dar direção à ação do pesquisador. Santos (2001) afirma que eles são a “espinha dorsal”, por expressar claramente o processo investigativo.

Os objetivos dividem-se em dois: geral e específicos. O geral é o fim que se pretende alcançar. Para se atingir o objetivo geral, ele pode ser detalhado, pelos objetivos específicos, que servem para dar a direção da ação do pesquisador de forma mais detalhada, ou seja, específica o trabalho. Eles representam de fato a execução das atividades, manifestando-se de forma concreta e possível dentro do tempo disponível (GONSALVES, 2001).

Para Gonsalves (2001) e Santos (2001), os verbos indicam estágio de:

- Conhecimento: apontar, citar, classificar, conhecer, definir, descrever, identificar, reconhecer, relatar.
- Compreensão - compreender, concluir, deduzir, demonstrar, determinar, diferenciar, discutir, interpretar, localizar, reafirmar.
- Aplicação – aplicar, desenvolver, empregar, estruturar, operar, organizar, praticar, selecionar, traçar.

- Análise - Em verbos como analisar, comparar, criticar, debater, diferenciar, discriminar, examinar, investigar, provar.
- Síntese - compor, construir, documentar, especificar, esquematizar, formular, produzir, propor, reunir, sintetizar.
- Avaliação - argumentar, avaliar, contrastar, decidir, escolher, estimular, julgar, medir, selecionar.

Estes estágios, para os respectivos autores, são estados cognitivos com suas complexidades, auxiliando na atividade intelectual de avaliação, sínteses, pressupondo análises, que envolvem compreensão, conhecimento, ou seja, “[...] (o encaixe de um novo dado no esquema cerebral já existente). Só quem compreendeu algo pode aplicá-lo bem na vida prática [...]” (SANTOS, 2001. p 63).

1.2.7. Referencial Teórico

São as obras lidas e que são utilizados para a pesquisa ligada à temática, por isso, são fundamentais dentro da construção da conclusão da pesquisa. Pois são essas leituras que ajudaram a reflexão sobre o objeto da pesquisa (tema) proposto, e conseqüentemente na produção do texto.

O estudo inicial é o levantamento bibliográfico sobre o assunto, que pode ser feito nas bibliotecas, internet, revistas científicas, periódicos, dicionários, jornais e outros, que posteriormente proporcionarão a revisão da literatura. Revisão que se dará com o início da “[...] leitura exploratória, levantando curiosidades, conceitos novos, marcando definições, nomes, datas que pareçam importantes para aprofundamento [...]” (SANTOS, 2001. p 52).

O pesquisador pode usar as referências de duas formas: direta e indireta. Direta: corresponde ao pedaço de um texto de forma integral, ou seja, é autoria do autor da referência, neste caso deve ser indicado o nome do autor, ano e página. Ela pode ser longa ou curta, quando longa possui mais de 3 linhas do texto original, portanto, deve ser colocado no espaço de 4 cm da margem do texto, espaçamento simples e tamanho da letra 10. Quando a citação for curta com até 3 linhas, ela pode ficar no corpo do texto como parte com destaque “[...]” (ANDRADE, 1999). Indireta: neste caso cita-se sobre o nome do autor e ano, significa que o pesquisador leu a referência e faz uma colocação do autor reforçando teoricamente a sua produção textual (ANDRADE, 1999).

As citações literais dentro do texto deverão vir entre aspas, seguidas do sobrenome do autor da citação, ano da publicação e página(s) do texto citado, colocado entre parênteses. Se o autor citado integra a oração, colocar só o ano e a página entre parênteses. Caso não haja citação, mas apenas uma referência ao autor, indicar o sobrenome e, entre parênteses, o ano da publicação em letras maiúsculas.

Exemplos:

“[...] para o professor também não é tarefa fácil [...]” (GONSALVES, 2001. p. 9).

Segundo Gonsalves, esses são “desconstrução não é tarefa fácil diante da resistência” (2001, p. 9).

Gonsalves (2001) escreve sobre o trabalho científico, procurando descrever todos os passos da elaboração da pesquisa científica.

Uma observação importante a ser considerada refere-se às notas de rodapé, de caráter explicativo, deverão ser evitadas e utilizadas apenas quando estritamente necessárias para a compreensão do texto, não ultrapassando 200 palavras ao todo. Usar numeração consecutiva dentro do texto.

1.2.8. Procedimentos metodológicos

Nesse item, descrevem-se as atividades práticas para aquisição dos dados da pesquisa, ou seja, o planejamento de cada momento, de forma concreta para coleta dos dados. Para Santos (2001, p. 66), devemos fazer a seguinte pergunta: “Que atividades concretas devo desenvolver para obter as informações necessárias para o desenvolvimento de cada objetivo específico?”. Como é possível observamos na pergunta acima que cada procedimento planejado ocorre em função de cada objetivo específico.

Ao seguir o planejamento, não se deve ficar perdido. Assim, devemos iniciar com levantamento bibliográfico, em seguida procurar fazer leitura relacionada ao tema e já fazer o fichamento de cada livro ou artigo.

Outro ponto importante do projeto são os instrumentos, que são os meios através dos quais se aplicam as técnicas, que estão associadas ao tipo do método. As técnicas específicas têm a finalidade de recolher e registrar, de maneira ordenada, os dados sobre o assunto em estudo. Elas são segundo Andrade (1999), as que integram o rol da documentação direta: a observação direta e a entrevista.

A entrevista é uma técnica que se constitui em um instrumento eficaz na coleta dos dados, que segundo Marconi (1990) apresenta três tipos de entrevista: padronizada ou estruturada; despadronizada ou não estruturada; e painel.

1. Entrevista padronizada ou estruturada: consiste em fazer uma série de perguntas ao entrevistado, segundo o roteiro previamente elaborado. Os dados coletados não devem ser alterados para garantir a fidelização da pesquisa e para possível comparação com os demais dados.
2. Entrevista despadronizada ou não estruturada: consiste em uma conversação informal, que envolve perguntas abertas, proporcionando maior liberdade para o entrevistado.
3. Painel: a entrevista é realizada com várias pessoas, que são levadas a opinar sobre determinado assunto. O pesquisador deve ter um roteiro, a fim de todos os entrevistados exponham pontos de vista sobre o mesmo assunto.

O planejamento para a realização da entrevista deve ser minucioso, adequado ao tema e aos objetivos que pretende investigar. Portanto, deve-se verificar se os seus

objetivos estão sendo alcançados, quando um roteiro é elaborado. É importante que o entrevistado saiba da pesquisa (ANDRADE, 1999).

No planejamento, deve constar se a entrevista vai ser gravada ou apenas anotada, para isso deve providenciar com antecedência o material: gravador, roteiro, papel, caneta, pilha, etc. “O pesquisador deve ouvir mais do que falar, procurando não interromper o entrevistado, aguardando-o em suas hesitações e incentivando, discretamente, a complementação das respostas” (ANDRADE, 1999. p 130).

Questionário é um conjunto de perguntas que informante responde, sem necessidade da presença do pesquisador. Sendo indispensáveis perguntas claras e objetivas. O formulário é constituído por uma serie de perguntas, na hora de sua aplicação o pesquisador deve estar junto.

a) Questionário aberto – perguntas mais livres de resposta, proporciona maior informação. Ex. Qual a sua opinião sobre a juventude?

b) Questionário fechado – respostas curtas e previsíveis. Ex.: () sim, () não, () às vezes.

Para Andrade (1999), é possível também realizar os dois questionários ao mesmo tempo é uma decisão do pesquisador.

Exemplo: O que você pretende fazer neste ano?

Estudar ()

Viajar ()

Praticar esporte ()

Outras () Quais? _____

As perguntas fechadas possuem a vantagem na sua verificação por proporcionar a tabulação dos dados, por meios de gráficos. As abertas devem ser agrupadas, por semelhanças das respostas, para poderem ser apuradas, tabuladas e posteriormente transformadas em formato de gráficos, caso o pesquisador queira apresentar neste formato. Não é possível, segundo Andrade (1999), ter um número ideal de questões, isso depende do tema e dos objetivos.

1.2.9. Cronograma e as referências

O projeto apresenta o cronograma que é uma espécie de roteiro de todas as atividades, especialmente ligadas às técnicas dos procedimentos, tendo como base o prazo que o projeto tem para ser executado. Segundo Santos (2001), as atividades que devem constar no cronograma devem ser aquelas que irão ser desenvolvidas (não conta o que antecede a elaboração do projeto e o projeto). Assim o detalhamento de várias formas, sendo o mais comum em formato de tabela, podendo também ser em esquema, entretanto, todos eles devem constar as datas da realização.

Para Andrade (1999. p 78), a referência é conhecida como notas bibliográficas ou referências bibliográficas. “Na bibliografia devem ser incluídas todas as obras

efetivamente consultadas, isto é, lidas e fichadas, que se relacionem com o assunto do trabalho, mesmo que não tenham sido aproveitadas para citações”. Na realidade atualmente o fato dos avanços tecnológicos com CD, DVD, *internet*, filmes, documentários e outros, não é mais possível estabelecer que a referência da pesquisa seja meramente bibliográfica e sim referências, por possuir várias fontes.

Portanto, as referências são as fontes do material estudo podendo ser bibliográficas, da *internet*, documentários, revistas, jornais etc. No projeto elas ficam na parte final em ordem alfabética, constando o nome do autor, tema, nome (sobrenome) dos (as) organizadores (as), edição, cidade, editora e ano.

1.3 Relatório de Pesquisa

Quando tratamos da realização da pesquisa posterior a ela, é necessária a realização e apresentação dos dados e de seus resultados devidamente analisados, que denominamos de relatório de pesquisa. O relatório vem expressão “relato”, ou seja, ele relata, segundo Santos (2001.p 36), “[...] embora seja mais complexo do que uma resenha, o relatório é por natureza descritivo. É claro que a confiabilidade e validade dos relatórios de pesquisa dependem em grande parte do notório saber, da capacidade e do “olho clínico” do pesquisador.

Por ser um relatório uma produção textual, é necessário que ele possua as seguintes propriedades: acabamento, autoridade, clareza, coerência, controle, dignidade, direção, eticalidade, fidelidade, inteireza, objetividade, seletividade, tato e veracidade.

Para Santos (2001), na produção textual deve constar:

- Acabamento – trabalho bem, acabado, com bom polimento final. Obtém-se com repetidas revisões e correções.
- Autoridade – o autor sabe do que está falando, inspira confiança. Obtém-se apoiando devidamente as afirmações, sendo concreto, lógico e preciso.
- Clareza – apresentação clara, redação com sentido normalmente captado na primeira leitura. Obtém-se sendo breve, concreto, direto e simples.
- Coerência – As partes do texto são claramente interligadas. Obtém-se pelo uso correto de expressões de transição (porém, por isso, com efeito etc.).
- Controle – O texto comunica dados, não expressa emoções de um autor nem quer despertá-las no leitor. Obtém-se com atenção ao decoro e modéstia, evitando exageros e subentendidos.
- Dignidade – Mostra postura e auto-respeito, refletindo a dignidade da profissão de quem escreve sem desrespeitar o leitor. Obtém-se com atenção aos elementos autoridade, fluência, frescor, naturalidade e precisão, componentes do bom estilo.
- Direção – O texto deve indicar o caminho que vai seguir. Obtém-se buscando organização, inteireza, unidade de pensamento. O leitor deve ser o tempo todo informado “para onde vamos agora”.

- Eticalidade – Demonstrar responsabilidade moral. Obtém-se escrevendo em conformação com os costumes e normas da boa redação técnica.
- Fidelidade – O texto deve preencher o contrato implícito com o leitor, cumprir o que prometeu. Obtém-se com atenção a inteireza, unidade, organização, consistência e lógica.
- Inteireza – Apresenta um produto acabado, sem qualquer parte abreviada, velada ou subentendida. Obtém-se com o acabamento de cada parte, evitando omissões e fragmentações.
- Objetividade – Apresenta ponto de vista imparcial. Obtém-se por meio de redação sem tendências pessoais.
- Seletividade – Retém apenas materiais importantes. Obtém-se com ênfase no material principal, e menos ênfase em materiais secundários.
- Tato – O texto não ofende. Obtém-se pelo exercício da arte de não reprimir, não acusar, não depreciar.
- Veracidade – o texto não engana nem falseia, pois a verdade é a alma de qualquer ciência. Obtém-se evitando evasivas e equívocos, atendo-se aos fatos.

O relatório de pesquisa faz uma descrição dos procedimentos detalhados no projeto e na prática, desenvolvidos em campo. “[...] Detalha-se o universo, a amostra, o tipo de tratamento que as informações receberão; descrevem-se os instrumentos de coleta, a margem de acuidade prevista etc.”. (SANTOS, 2001. p.67).

O relatório, de um modo em geral, possui as mesmas dimensões que compõe um trabalho científico. Como: folha de rosto, sumário, índice, introdução, desenvolvimento e conclusão, e se for o caso apêndices e anexos e bibliográfica/referência. (ANDRADE, 1999).

Santos (2001) faz outra divisão para o relatório: introdução, referencial teórico, metodologia, apresentação dos resultados, análise dos resultados, sugestões/recomendações e conclusão. E é nesta perspectiva de Santos que iremos trabalhar em relação às partes que compõe o relatório de pesquisa. Como passaremos a descrever abaixo:

A **introdução**, que é a parte que descreve a relevância social, científica ou acadêmica do assunto, abordando a problematização e os objetivos que envolveram a pesquisa fazendo uma breve apresentação do que trata a pesquisa.

No **referencial teórico**, deve-se produzir um texto, podendo utilizar as citações diretas e indiretas, fazendo devidas análises e interpretações dos autores, decorrente dos estudos dos bibliográficos.

Na **metodologia** faz-se uma descrição detalhada dos procedimentos utilizados durante as atividades de campo, os recursos humanos, material, universo da pesquisa, seleção da amostra, instrumentos da coleta dos dados e método.

Em **apresentações dos resultados**, devem ser ordenados conforme os objetivos da pesquisa, com os dados quantitativos, que podem ser apresentados em formas de ilustração por meio de gráficos (pizzas) e tabelas.

A **análise dos resultados** é momento em que são feitas as interpretações analíticas dos dados obtidos, aproximando a discussão do referencial teórico, fazendo a triangulação para obtenção dos resultados em forma de texto.

Em **sugestões/recomendações**, é um ponto fundamental por oferecer reflexões que leve a possíveis respostas do problema. Respostas que são decorrentes dos estudos realizados.

A **conclusão** do relatório deve ser de forma sintética que percorre ao todo da pesquisa, levando em consideração o objetivo geral, que significa interpretação da pesquisa que confirma ou rejeita a hipótese ou as questões norteadoras. Neste ponto também se pode apontar para um novo enfoque sobre o tema.

Para finalizar, o relatório apresentação de apêndices, dos anexos e referências utilizadas e consultadas.

Considerações finais

O trabalho de pesquisa e o relatório são pontos muito importantes para consolidar um estudo, que muitas vezes vem dar um título e para referendar o profissional que atua no mundo científico. Por isso, a necessidade do domínio das normas técnicas e sua aplicação, são importantes para que não haja nenhuma dúvida sobre a cientificidade da pesquisa desenvolvida.

Para a educação, essa questão é fundamental, uma vez que por muito tempo no mundo científico excluiu-se a educação sistematizada, por não ser considerada um espaço de produção do conhecimento, mas somente um espaço de execução, ou seja, aplicação das outras ciências no espaço da sala de aula. Hoje temos o desafio de superar tal posição conservadora e consolidar o espaço escolar como um ambiente de reflexão e de pesquisa.

Outro desafio é praticar essa abordagem cientificamente, por meio de metodologias que envolvam a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade nas áreas das ciências humanas, ciências naturais e matemática, linguagens e códigos e as ciências agrárias, no cotidiano das aulas dos professores/educadores nas escolas do campo. Por fim, estamos constituindo para a formação de novos sujeitos sociais do campo.

Referências

ANDRADE, Maria Margarida. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo. Editora Atlas S/A, 1999;

DEMO, Pedro. **Educar pela Pesquisa**. 6. ed. Edição: Campinas, SP: Autores Associados, 2003. 2000.

GHEDIN, Evandro. GONZAGA, Amarildo Menezes. **Introdução à Pesquisa em Educação**. Manaus. UEA, 2006.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à Pesquisa Científica**. 2.ed. Campinas, SP. Editora Alínea, 2001.

GONZAGA, Amarildo Menezes. **Contribuições para Produções Científicas**. Manaus. Editora BK, 2005.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1986.